

SOLO E RECURSOS HÍDRICOS

*conservação,
recuperação
e manejo*

ARISTON DA SILVA MELO JÚNIOR
(organizador)



EDITORA
ARTEMIS

2022

SOLO E RECURSOS HÍDRICOS

*conservação,
recuperação
e manejo*

ARISTON DA SILVA MELO JÚNIOR
(organizador)



EDITORA
ARTEMIS

2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

| | |
|--------------------------|--|
| Editora Chefe | Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira |
| Editora Executiva | M. ^a Viviane Carvalho Mocellin |
| Direção de Arte | M. ^a Bruna Bejarano |
| Diagramação | Elisângela Abreu |
| Organizador | Prof. Dr. Ariston da Silva Melo Júnior |
| Imagem da Capa | Ziglinda/123RF |
| Bibliotecária | Janaina Ramos – CRB-8/9166 |

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil



Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo*, México
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, Universidad Nacional Autónoma de México, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S689 Solo e recursos hídricos: conservação, recuperação e manejo / Organizador Ariston da Silva Melo Júnior. – Curitiba-PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-67-5

DOI 10.37572/EdArt_290822675

1. Solos. 2. Recursos hídricos. 3. Sustentabilidade. I. Melo Júnior, Ariston da Silva (Organizador). II. Título.

CDD 631.45

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166



APRESENTAÇÃO

O título **Solo e Recursos Hídricos – Conservação, Recuperação e Manejo** traz para o mundo atual uma das maiores preocupações com a preservação do nosso planeta e dos biomas que compõem toda a estrutura da Terra. O estudo constante de novas tecnologias, metodologias e gerenciamento deve promover um crescimento sustentável e garantir o futuro das próximas gerações.

A importância desse tema nesse século XXI é tamanha que a própria Organização das Nações Unidas (ONU) apresenta em sua agenda de 2030 o tema sustentabilidade e manutenção do meio ambiente como meta de desafio a ser alcançado de forma a que os recursos hídricos e a conservação do solo sejam foco primordial de interesse e responsabilidade política e social das nações. Tal proposta da ONU já vem sendo empregada por governos em projetos como, por exemplo, cobrança d'água do setor agrícola para minimizar a poluição de rios e lagos e impedir a contaminação de solos. Sendo esse controle realizado pelos denominados Comitês de Bacias Hidrográficas, o que mostra a relevância e atualidade do presente livro.

Este livro não se propõe a trazer soluções finais e vindouras, o que seria pretencioso; mas apresentar a preocupação e zelo que os autores tiveram em compartilhar seus conhecimentos. Assim, o livro apresenta o que de melhor está sendo realizado no mundo acadêmico e científico, de modo a trazer propostas, ensaios científicos e reflexões que permeiem as mentes de todos e todas de modo a podermos trazer uma nova proposta de melhoria a manutenção da qualidade e fertilidade de nossos solos e de técnicas para o uso racional das reservas hídricas do mundo, com os novos conceitos que vem sendo estudados pelas universidades e centros de pesquisas em relação ao bioma terrestre e aquático. Exemplos como a chamada pegada hídrica e claro apresentar uma nova proposta pedagógica em que as novas gerações tenham em mente a responsabilidade em um contínuo respeito a nosso lar – planeta Terra.

Nesse sentimento que a organização dessa obra propõe uma leitura crítica e atenta às pesquisas que os autores e autoras trazem nessa obra de modo a permitirem a generosidade em compartilhar seus conhecimentos e pensamentos para a formação contínua do leitor e leitora.

Uma boa leitura a você leitor/leitora e que as próximas páginas possam levar a uma reflexão da importância sustentável que esse livro tem como meta e sonho: um mundo novo, melhor e mais harmônico para toda humanidade!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AVALIAÇÃO AMBIENTAL ESTRATÉGICA. CONTRIBUTOS NA GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS

Carla Maria Rolo Antunes

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2908226751

CAPÍTULO 2..... 14

USO EFICIENTE DA ÁGUA EM LISBOA - CÁLCULO DA PEGADA HÍDRICA

Manuela Moreira da Silva

Leandro Muller

Susana Neto

Carla Pimentel Rodrigues

Armando Silva Afonso

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2908226752

CAPÍTULO 3..... 21

DESEMPENHO EM FILTRO LENTO QUANTO A MELHORIA NO PH E CONDUTIVIDADE ELÉTRICA DE ESGOTO DOMÉSTICO

Ariston da Silva Melo Júnior

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2908226753

CAPÍTULO 4..... 36

ATIVOS ECOLÓGICOS E BALANÇO DE CARBONO DE UM ESPAÇO VERDE URBANO – CONTRIBUTOS PARA UMA *WATER SENSITIVE CITY*

Manuela Moreira da Silva

Sandra Caetano

Daniel Pimenta

Lídia Terra

Horácio Carvalho

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2908226754

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 5..... | 50 |
| MONITORAMENTO DA DEMANDA QUÍMICA DE OXIGÊNIO (DQO) EM LAGOA DE ESTABILIZAÇÃO | |
| Ariston da Silva Melo Júnior Kleber Aristides Ribeiro Abrão Chiaranda Merij | |
|  https://doi.org/10.37572/EdArt_2908226755 | |
| CAPÍTULO 6..... | 65 |
| FLOW VELOCITY STRUCTURE AND TURBULENCE CHARACTERISTICS IN A PARTIALLY VEGETATED CHANNEL WITH RIGID EMERGENT VEGETATION | |
| Cristina Maria Sena Fael César Augusto Vaz Santos Cátia Sofia Batista Taborda | |
|  https://doi.org/10.37572/EdArt_2908226756 | |
| CAPÍTULO 7..... | 78 |
| HACIA EL BUEN ESTADO QUÍMICO DE NUESTRAS AGUAS CONTINENTALES: ¿SÓLO LAS EDAR SON RESPONSABLES DEL MISMO? | |
| Rafael Marín Galvín | |
|  https://doi.org/10.37572/EdArt_2908226757 | |
| CAPÍTULO 8..... | 91 |
| EFICIÊNCIA NA REMOÇÃO DE COMPOSTOS NITROGENADOS EM SISTEMA DE ALAGADOS CONSTRUÍDO | |
| Ariston da Silva Melo Júnior Kleber Aristides Ribeiro Leonardo Gerardini | |
|  https://doi.org/10.37572/EdArt_2908226758 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR..... | 109 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 110 |

CAPÍTULO 6

FLOW VELOCITY STRUCTURE AND TURBULENCE CHARACTERISTICS IN A PARTIALLY VEGETATED CHANNEL WITH RIGID EMERGENT VEGETATION

Data de submissão: 09/06/2022

Data de aceite: 24/06/2022

Cristina Maria Sena Fael

University of Beira Interior
Centre of Materials and
Building Technologies
Department of Civil
Engineering and Architecture
Portugal

<https://orcid.org/0000-0002-6943-6537>

César Augusto Vaz Santos

University of Beira Interior
Centre of Materials and
Building Technologies
Department of Civil
Engineering and Architecture
Portugal

<https://orcid.org/0000-0001-6631-8378>

Cátia Sofia Batista Taborda

University of Beira Interior
Centre of Materials and
Building Technologies
Department of Civil
Engineering and Architecture
Portugal

<https://orcid.org/0000-0001-7131-892X>

ABSTRACT: Research of hydrodynamics interactions between in-channel vegetation

and the main channel is essential for researchers and hydraulic engineers to design, manage and rehabilitate river systems. This chapter intends to experimentally analyse how the hydrodynamic structures of the flow are affected by rigid emergent vegetation occupying a third of the channel width, with a steady flow rate and subcritical conditions. The hydrodynamic flow conditions in the flume are characterised by measurements of instantaneous velocities using 3D Acoustic Doppler Velocimetry, focusing on the obstructed-unobstructed interface area. Overall, the present research demonstrated that the turbulence characteristics are influenced by vegetation density and that these change in the measured depths.

KEYWORDS: Turbulent flow. Vegetated corridor. Experimental study.

1 INTRODUCTION

The presence of vegetation in river systems, on riverbanks or floodplains, under natural conditions or as a result of restoration projects, in addition to contributing to the improvement of their physical characteristics, contributes to the maintenance of ecological standards (Vargas-Luna et al., 2018; Chembolu et al., 2019). Meanwhile, the vegetation can significantly change the flow structure and turbulent characteristics of local and reach-

scale flow, influencing riverine habitat (Crowder and Diplas, 2002), water quality (Devi et al., 2019), dispersion of pollutants and nutrients (Perucca et al., 2009) and transport of sediments (Kothyari et al., 2009).

It is consensual that vegetation in water channels, due to the hydraulic resistance in this area, generates an inflectional profile of the longitudinal velocity in the spanwise direction and a turbulence intensity between the two zones of the channel quite different from those commonly found in non-vegetated flows (e.g., Nepf, 1999). The vegetated corridor induces a reduction in the longitudinal velocity, generating a strong velocity gradient between the two channel areas, creating instability that makes the flow susceptible to the generation of large-scale coherent structures that can significantly influence the pattern and magnitude of turbulence in the local and reach-scale flow turbulence (Yager and Schmeeckle, 2013).

Advances in understanding the turbulent flow characteristics in channels with adjacent vegetated corridors can give design engineers knowledge and tools to improve the design of partially vegetated channels. In recent years, ecological restoration projects have used artificial vegetation as a measure of ecological regulation (Liu et al., 2021). Since this is a central and not yet closed subject, the present work aims to contribute to improving the understanding of the effects of vegetation on the characteristics of the flow and its turbulent structure in partially vegetated channels with rigid and emergent vegetation.

2 EXPERIMENTAL SETUP AND METHODOLOGY

The experimental tests were carried out in the flume located at the Laboratory of Fluvial Hydraulics and Structures of Universidade da Beira Interior, Portugal (Figure 1). The channel, 12.60 m long, 0.80 m wide and 0.70 m deep, has a 0.30 m wide riparian corridor on the right side. Two densities of a staggered matrix of rigid emergent stems were tested, 500 stems.m⁻² and 1034 stems.m⁻², designated in this study as M1 and M2, respectively. This configuration with a quasi-rigid behaviour is a representative range of vegetation densities found in nature (Maji et al., 2020). The water flow is pumped from a downstream reservoir with a capacity of 3.5 m³ through a pressurized system and an electric pump group. The flow discharge was 104 m³h⁻¹, and it was monitored by an electromagnetic flowmeter, with an error of $\pm 2\%$. Downstream of the channel, an adjustable tailgate allowed setting the flow depth, H at 10 cm. An acceleration ramp and a honeycomb diffuser at the channel inlet smooth the flow trajectories and guarantee uniform crosswise flow distribution.

Measurements of instantaneous 3D flow velocities were performed with a down-looking Acoustic Doppler Velocimeter (ADV), manufactured by Nortek, with a

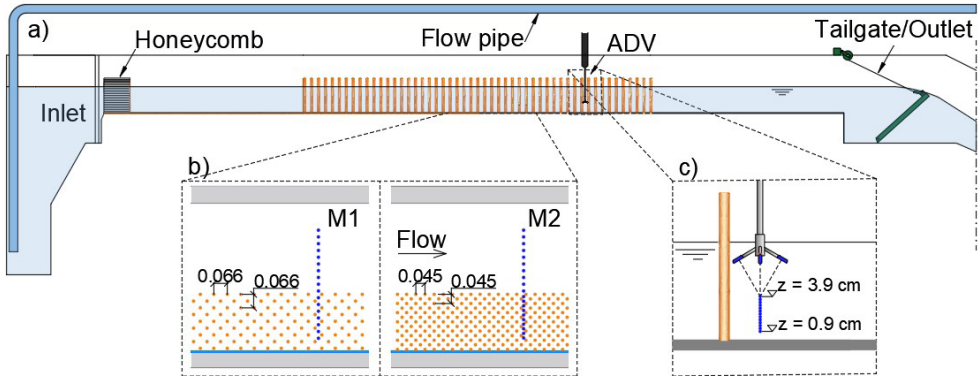
sampling frequency of 100 Hz and a sampling time of 3 minutes (18000 samples). The three components of velocity, u , v , and w , are the streamwise, spanwise, and vertical velocities in the x , y , and z directions, respectively. The origin of the Cartesian coordinate system is $x = 0$ at the channel inlet and positive in the direction of the flow, $y = 0$ at the vegetation interface and positive towards the left wall (looking downstream), and $z = 0$ at the channel bed and positive upwards. The data was acquired in a section where uniform flow conditions ($x = 8.50$ m) were present in 17 and 20 cross-sectional measurements for matrices M1 and M2. No point was less than 5 cm away from the walls to ensure no wall-related interferences in the measurements. The filter implemented in the WinADV software, as proposed by Goring and Nikora (2002) and modified by Wahl (2003), was used for data processing. The values of the main variables and parameters that characterize the tests for the measuring depths of 0.09 and 0.39 are summarized in Table 1.

Table 1 – Characteristic experimental parameters for both test runs.

| Tests | z/H [-] | ϕ [-] | U_1 [ms ⁻¹] | U_2 [ms ⁻¹] | U_c [ms ⁻¹] | ΔU [ms ⁻¹] | λ [-] | δ [m] | θ [m] | $C_d a$ [ms ⁻¹] |
|-------|--------------|---------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------|-----------------------------------|------------------|-----------------|-----------------|--------------------------------|
| M1 | 0.09 | 0.039 | 0.071 | 0.462 | 0.267 | 0.391 | 0.732 | 0.190 | 0.039 | 3.11 |
| | 0.39 | 0.039 | 0.071 | 0.553 | 0.312 | 0.482 | 0.773 | 0.196 | 0.039 | 3.19 |
| M2 | 0.09 | 0.081 | 0.050 | 0.455 | 0.253 | 0.405 | 0.802 | 0.143 | 0.035 | 8.76 |
| | 0.39 | 0.081 | 0.046 | 0.567 | 0.306 | 0.521 | 0.851 | 0.106 | 0.035 | 10.52 |

In Table 1, the equilibrium velocity in the inner part of the vegetated area and the peak velocity in the main channel are U_1 and U_2 , respectively; the solid volume fraction is $\phi = \pi d^2 N/4$, where d is the stem diameter and N is the number of stems per unit area; the mean longitudinal velocity is $U_c = (U_1 + U_2)/2$; the velocity differential is $\Delta U = U_2 - U_1$; the velocity ratio $\lambda = \Delta U/U_c$; the mixing layer thickness is δ , estimated as suggested by White and Nepf (2007) employing the definition of the hyperbolic tangent profile and a boundary layer analogy; the momentum thickness is $\theta = \int_{-\infty}^{+\infty} [1/4 - ((U(y) - U_c)/\Delta U)^2]$; and $C_d a$ is the drag density parameter, where $a = Nd$ is the frontal projected area per unit volume and C_d is the drag coefficient for the vegetation array and was estimated through $C_d a U_1^2/2 = -gdH/dx$, where g is the acceleration of gravity, neglecting the contribution of turbulent and dispersive stresses and assuming equilibrium between the drag force and the imbalance between hydrostatic pressure forces between two arbitrary cross-sections, as suggested by White and Nepf (2007).

Figure 1 – Schematics of the experimental setup: a) longitudinal view; b) stem density and measurement points; c) depth range.



In this manuscript, the flow properties addressed, in addition to being investigated near the bottom $z/H = 0.09$, were also analysed approximately at mid-depth ($z/H = 0.39$), as these depth measurements were within 5% of the depth-averaged velocity. This criterion has already been used in previous investigations, e.g., White and Nepf (2007) and Caroppi (2018).

3. RESULTS AND DISCUSSION

3.1 MEAN FLOW

In a turbulent flow, each velocity component has the characteristics of a rapidly varying random function of time and space for a given measurement point. Given the complexity of turbulent flows, Reynolds decomposition is applied to the Navier-Stokes equations, which separates the instantaneous value of the flow variables into their time-averaged values and respective fluctuations. For example, applying this concept to the streamwise velocity results in $u_i = u + u'$, where u_i , u , and u' are, respectively, the instantaneous, mean, and fluctuating velocities. As a result of the Reynolds decomposition, statistical concepts characterise the flow. Therefore, the time-averaged velocity in the streamwise direction is given by $u = 1/n \sum_{i=1}^n u_i$, where n is the number of samples. The same procedure can be applied to the three flow directions.

Figure 2 shows the lateral distribution of u velocities for the experimental series M1 and M2, at $z/H = 0.09$ and 0.39 . In the figure, the dashed line represents the interface between the vegetation and free regions. For both matrices and measuring depths under analysis, the longitudinal velocity becomes constant within the vegetation, U_1 and at the centre of the main channel, U_2 . In the main channel, u at mid-depth is 18% and 11% higher

than the velocities near the bottom for M1 and M2, respectively. The figure also shows that the velocity gradient increases with the vegetation density, consequently decreasing the penetration of the mixing layer. A smaller spanwise gradient of the longitudinal velocity is observed for the profiles near the bottom and therefore there is a higher penetration of the shear layer into the vegetation (Table 1).

Figure 2 – Lateral distribution of the streamwise velocity: a) matrix M1; b) matrix M2.

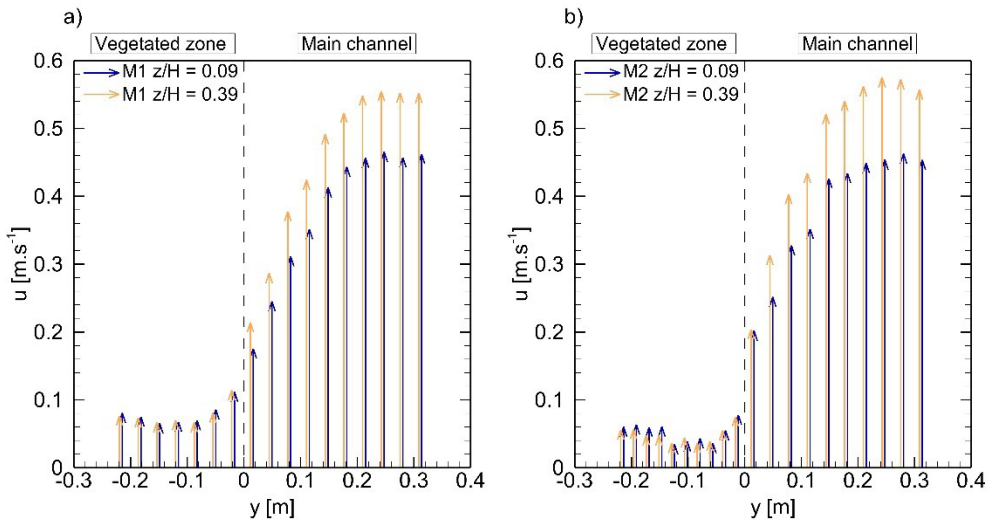
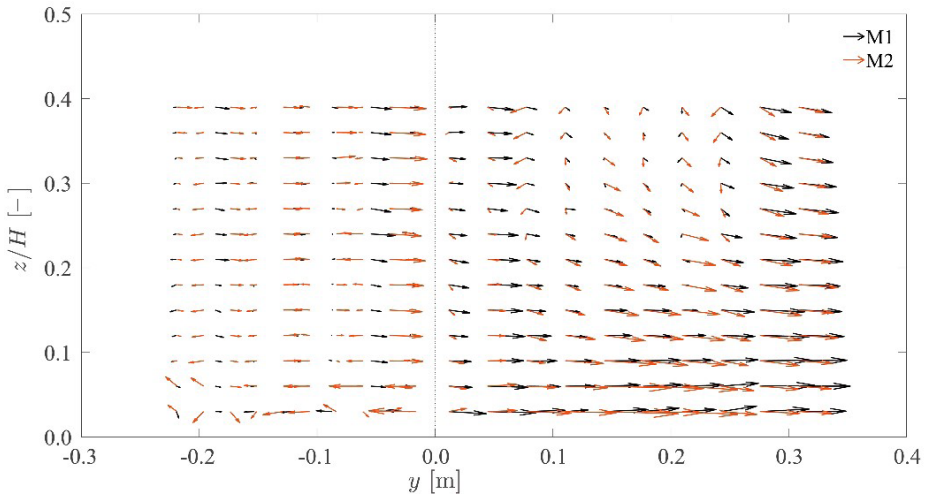


Figure 3 depicts the distribution of the velocity vectors of the secondary currents $v-w$, up to the mid-depth of the flow, for the two vegetation density matrices. In the innermost part of the vegetation, the dominant flow that is observed is the flow around each stem. However, if the local effect of the stems is discounted, that is, the flow on the left and right sides of the stem, there is a well-defined trend of net flow towards the open central channel. This trend gains intensity and accelerates the flow towards the main central channel. It can be observed that the highest transport of mass and momentum towards the central channel by the secondary current occurs near the bottom, where the component v of the velocity vector is of great intensity. At the interface, on the side of the central channel, the intensity of the secondary current decreases with increasing vegetation density.

Figure 3 – Velocity vectors in the y - z plane, for M1 and M2.



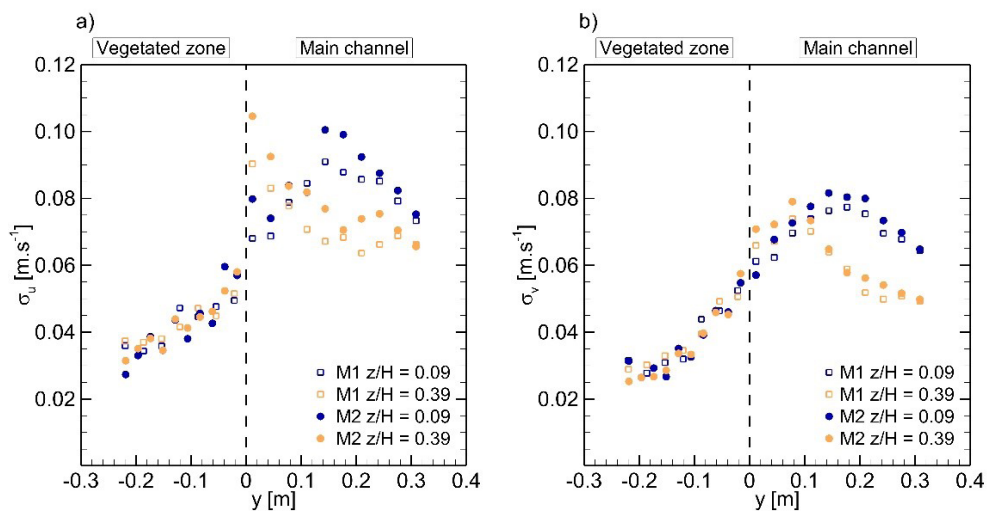
3.2 TURBULENCE INTENSITY, REYNOLDS SHEAR STRESS AND TURBULENCE KINETIC ENERGY

The Navier-Stokes equations are the governing equations of fluid dynamics and can describe the velocity fields of turbulent flow, from the largest to the smallest turbulent scale. Given their complexity, the Reynolds decomposition is applied to the continuity and momentum equations. It is, precisely, from the convective terms of the momentum equations that the Reynolds stress tensor, $-\rho \overline{u'_i u'_j}$, arises. This new term represents the stresses induced in the flow field by turbulent effects. The diagonal components of the tensor are the normal stresses, and the off-diagonal ones are the shear stresses.

The turbulence intensities in the streamwise, spanwise and vertical directions (σ_u , σ_v and σ_w) were evaluated as the root-mean-square of the fluctuating velocity. For instance, for the streamwise turbulence intensity, $\sigma_u = \sqrt{(1/n \sum_{i=1}^n u_i'^2)}$. The turbulence intensity, resulting from the variation of the instantaneous velocity at a given measurement point, reflects the number of fluctuations in the turbulent field, providing information regarding the contribution of these fluctuations to the production of flow turbulence (Caroppi, 2018, Devi et al., 2016). The Reynolds shear stress can be calculated through the covariance of the fluctuating velocity, $\tau_{uv} = -\rho COV_{uv} = -\rho/n \sum_{i=1}^n u_i' v_i'$, where ρ is the water density. This shear stress reflects the turbulent fluctuations in the flow field, giving helpful information on the momentum transfer. From the trace of the Reynolds stress tensor, it is possible to determine the total turbulent intensity, which can describe the turbulent flow structure, designated the turbulence kinetic energy (TKE) and is defined as $K = 0.5(\sigma_u^2 + \sigma_v^2 + \sigma_w^2)$.

The lateral profile of streamwise and spanwise turbulence intensities, σ_u and σ_v , are presented in Figure 4. A similar trend for both matrices can be observed in Figure 4a: a peak at the interface on the side of the central channel when $z/H=0.39$ and shifted towards the centre of the main channel when $z/H=0.09$. The spanwise gradients are higher on the vegetation side, decreasing successively into the innermost part of the vegetation, and the turbulence intensity in the vegetation corridor is lower than in the main channel. Additionally, the gradient in the spanwise direction of σ_u near the bottom is less pronounced than at mid-depth. In all cases, turbulence intensities are higher for the matrix with the highest density, M2. At the interface, σ_u is approximately 30% higher at mid-depth than near the bottom, and in the middle of the channel, this trend is reversed, and σ_u is higher near the bottom. Furthermore, as already observed by Nezu and Onitsuka (2001) for partially vegetated channels with submerged vegetation, Figure 4b shows that the peak of σ_v for both flow depths, is slightly shifted towards the main channel, whereby in the main channel, the lateral turbulent intensity is on average 35% higher near the bottom than at mid-depth.

Figure 4 – Lateral distribution of turbulence intensities: a) streamwise; b) spanwise.

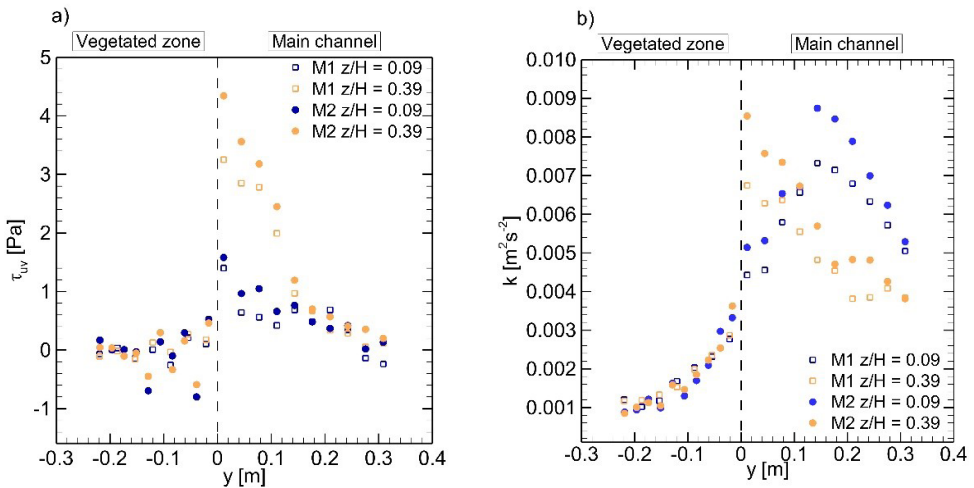


The Reynolds shear stress, τ_{uv} , for $z/H=0.09$ and $z/H=0.39$ are presented in Figure 5a along the transversal section for M1 and M2. From the spanwise distribution, τ_{uv} at mid-depth is, on average, three times higher than near the bottom at the interface between the vegetated corridor and the central channel. The results are intelligible since these stresses are generated by the instability of the inflectional profile of the velocity in this area, and at mid-depth, as already observed in Figure 2, the streamwise velocity exhibit a higher gradient. The lower values of τ_{uv} near the bottom evidence the

bed resistance to the flow, and it can be concluded that at this height, there is a smaller contribution of momentum transfers by velocity fluctuations to the mean flow, where the horizontal momentum has been absorbed by the vegetation elements regardless of density. Within the vegetation, τ_{uv} assumes values close to zero, regardless of the density of the vegetation or the measuring depth under analysis.

As shown in Figure 5b, with the vegetation, the turbulence kinetic energy (TKE) displays similar behaviour for both matrices, with increasing values toward the interface and little differences between values at $z/H= 0.09$ and $z/H= 0.39$. In the main channel region, however, the behaviour varies with both the water depth and vegetation density, although some similarity remains. For both matrices, the peak of TKE occurs at the vegetation interface for $z/H= 0.39$, whereas for $z/H= 0.09$, the peak is located further into the main channel. At the interface, TKE at $z/H= 0.39$ is 50% higher than near the bed for M1 and 65% higher for M2. According to Caroppi (2018), the vegetation contributes to the dissipation of turbulence larger than the vegetation length scale while also generating turbulence at scales smaller than the vegetation. Given that the interface is a highly unstable region, the velocity fluctuations result in the formation of eddies, enhancing flow turbulence. The smaller values of TKE at $z/H= 0.09$ can be explained by a higher dissipation of turbulence from both the vegetation and the presence of a boundary (channel bed). This general displacement between the near-bed and mid-depth regions can be associated with the higher spanwise transport rate (higher transversal velocities) at $z/H= 0.09$, as seen in Figure 3. Note how spanwise velocities do not show significant changes as we move away from the peak location of v . However, turbulence parameters (turbulence intensities, Reynolds shear stresses and TKE) start to decrease.

Figure 5 – Spanwise distribution of: a) Reynolds shear stress; b) turbulence kinetic energy.



Furthermore, despite the higher streamwise velocities at $z/H= 0.39$, the flow is, generally, less turbulent than when compared to the near-bed region, as expected, and the turbulence parameters start decaying as soon as we move away from the vegetation interface. At $z/H= 0.09$, an initial increase is seen, up to the peak value, and only then starts decreasing.

3.3 TURBULENCE SPECTRA

Before undertaking the turbulence spectra, the energy cascade concept (Richardson, 1922) must be introduced. Due to their unstable nature, large eddies break up and transfer their energy onto smaller eddies. This process is repeated until the eddy reaches such a scale that the kinetic energy can be effectively dissipated by the molecular viscosity. In this scope, Kolmogorov (1991) proposed a theory based on two similar hypotheses: in any turbulent flow with high enough Re, the properties of the small-scale motions are entirely dependent on the kinematic viscosity and the dissipation rate ϵ ; there is an intermediate range (inertial subrange) within the small-scale region where the properties of the turbulent motion are determined exclusively by the rate of dissipation ϵ . These hypotheses show that in the inertial subrange, the energy spectrum is given by $E(k)=C \epsilon^{2/3}k^{-5/3}$, where k is the wavenumber and $C = 1.5$ is a universal constant. The previous equation is the well-known Kolmogorov -5/3 spectrum. Note that during the breakdown process, memory and directionality of the eddies are progressively lost, such that when they reach the Kolmogorov scales, they are, essentially, isotropic. Given that the Reynolds number based on the Kolmogorov scales is equal to 1, it can be inferred that there is a dynamic equilibrium such that the energy dissipated at a rate ϵ , is equal to the rate at which energy is transferred from the larger eddies (Pope, 2000).

The analysis of the turbulence power spectra can provide helpful information on the flow characteristics, as it shows how kinetic energy is distributed as a function of frequency (Caroppi, 2018). Given that the spectrum is one-dimensional, it can present greater insight into the contribution of a given fluctuating velocity component to the turbulent kinetic energy. By aggregating the information of each velocity spectrum, it is possible to generate the spectrogram (Figures 6 and 7) of the velocity fluctuation in the corresponding direction. These figures show that the high energy zones have a greater spanwise extension for $z/H= 0.09$ than for $z/H= 0.39$ and are located away from the vegetation interface. Furthermore, the energy is contained in a narrower window of Strouhal number for denser vegetation, which indicates that the energy spectrum decays faster for M2 than it does for M1. According to Figure 5b, peak values of TKE for $z/H=0.39$ occur at the interface, yet according to Figures 6 and 7, the highest energy values are

located further into the main channel. This is a result of the weight of each component to the overall TKE. The spectrogram of the streamwise velocity fluctuation (see Taborda et al. 2022) shows higher energy concentrations near the interface. As such, at this location, the longitudinal component of the velocity is more preponderant to the TKE. As we move away from the vegetation, the longitudinal component loses expression, and the spanwise component takes on higher values, translating into a greater weight of the spanwise component to the overall TKE in this region. Inside the vegetation, the longitudinal and spanwise components have similar weights on the TKE. Finally, note how peak contour values occur for Strouhal closer to the characteristic frequency of Kelvin-Helmholtz vortices ($St= 0.032$, horizontal dashed line) for the denser vegetation. These coherent structures significantly enhance the lateral mass and momentum transport across the mixing layer (Taborda et al, 2022).

Figure 6 – Spectrogram of the fluctuating spanwise velocity for matrix M1: a) $z/H=0.09$; b) $z/H=0.39$.

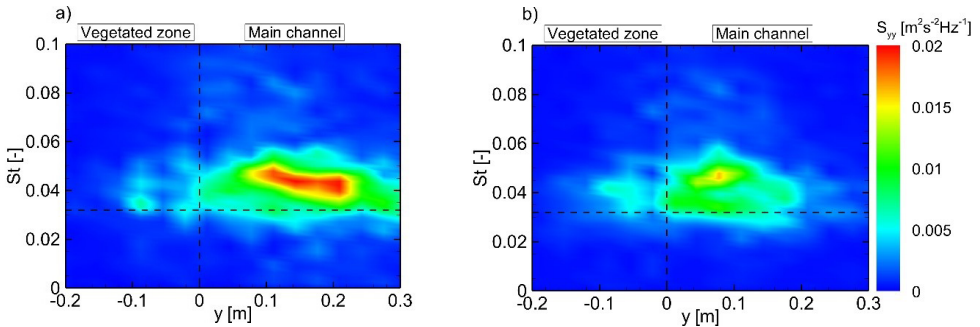
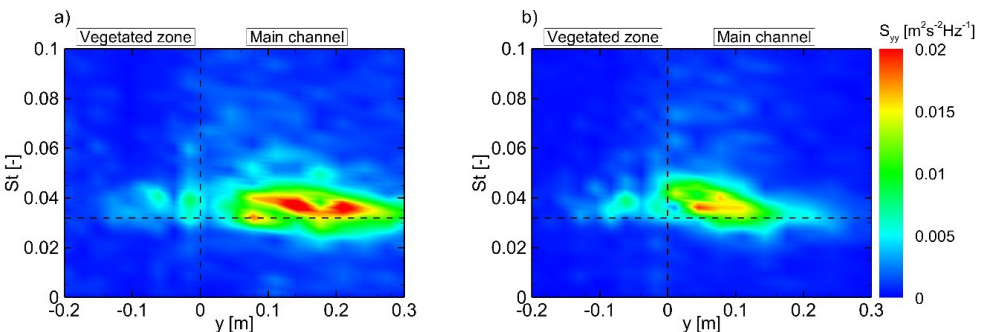


Figure 7 – Spectrogram of the fluctuating spanwise velocity for matrix M2: a) $z/H=0.09$; b) $z/H=0.39$.

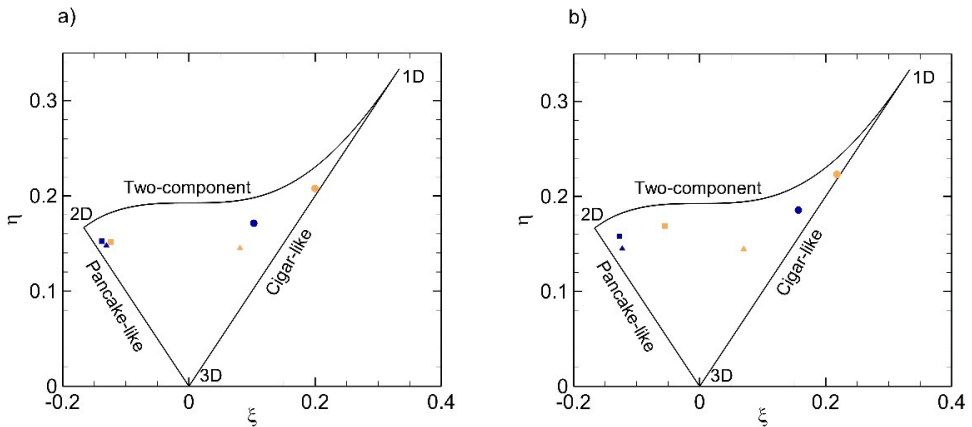


3.4 TURBULENCE ANISOTROPY

Following the previous considerations about the Reynolds stress tensor, a differentiation can be made between the isotropic and anisotropic stresses. The isotropic

part is $2/3K\delta_{ij}$, and the anisotropic part is $a_{ij} = \overline{u_i' u_j'} - 2/3K\delta_{ij}$, where δ_{ij} is the Kronecker delta. The normalization of the anisotropy tensor results in $b_{ij} = \overline{u_i' u_j'} / (2K) - 1/3\delta_{ij}$. The analysis of this tensor can provide valuable information on the amount and type of anisotropy present in the flow. For the visualization of the flow's anisotropy, the current work resorts to the anisotropy invariant map (Choi and Lumley, 2001). The commonly named turbulence triangle is a domain based on the second, II , and third, III , invariants of the normalized anisotropy tensor. The borders of the triangle correspond to special states of turbulence, and according to Lumley (1978), all possible states of turbulence must occur within the triangle. Thus, the ensuing invariant maps, in the ξ - η coordinate, are depicted in Figure 8, where $\xi = \sqrt[3]{III/2}$ and $\eta = \sqrt[2]{-II/3}$.

Figure 8 – Invariant maps for a) M1 and b) M2. Blue markers are for $z/H = 0.09$, and orange markers for $z/H = 0.39$. Square, circle and triangle markers represent, respectively, values for the vegetation zone, interface and main channel.



From Figure 8, it can be seen that the turbulence has a high degree of anisotropy, given that all the points are close to the triangle's upper boundary, regardless of vegetation density and measurement location. At the vegetation interface, however, turbulence anisotropy is predominantly 1D, where one component of the TKE is greater than the other two. Additionally, this effect is exacerbated at the mid-depth, seeing that the points are closer to the right boundary and closer to the 1D vertex. Inside the vegetation, the flow is characterised by 2D axisymmetric turbulence, where two components of the TKE are greater than the other one.

4 CONCLUSIONS

In the present research, a laboratory study was conducted to analyse the flow characteristics in a channel partially covered by a finite length of staggered matrices of

vertical, cylindrical, rigid, and emergent stems. The results showed that the longitudinal velocity gradient increases with vegetation density, leading to a decrease in the penetration of the mixing layer into the vegetation. In the depth comparison, the lowest longitudinal velocity gradient is observed for profiles close to the bottom, presenting greater penetration of the shear layer within the vegetation. For this kind of free-surface turbulent flow, the secondary currents are one of its intrinsic characteristics. In this study it was verified that the most significant transport of mass and momentum towards the central channel occurs near the bottom. As a result of the instability of the inflectional velocity profile, Reynolds shear stresses are generated, presenting lower values near the bottom, which denotes the effects of the bed's resistance to flow. It was also shown that the Reynolds shear stresses assume values close to zero within the vegetation, regardless of the vegetation density or the analysed measurement depth. The present research demonstrated that the turbulence kinetic energy within the vegetation presents similar behaviours for both matrices, increasing values towards the interface and minor variations in depth. The lower values of turbulence kinetic energy near the bottom can result from the greater dissipation of turbulence caused by vegetation and the channel bed.

5 ACKNOWLEDGEMENTS

The authors would like to thank for the financial support of the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT) through Project PTDC / ECI-EGS / 29835/2017 - POCI-01-0145-FEDER-029835, financed by FEDER funds through COMPETE2020 - Operational Program Competitiveness and Internationalization (POCI) and by National funds through FCT, and for the Portuguese national funds by FCT within the C-MADE UIDB/04082/2020.

REFERENCES

- Caroppi, G. (2018). **Turbulence in partly vegetated channels: Experiments with complex morphology vegetation and rigid cylinders**. PhD Thesis. Department of Civil, Construction and Environmental Engineering, University of Naples Federico II, Italy.
- Chembolu, V., Kakati, R., Dutta, S. (2019). **A laboratory study of flow characteristics in natural heterogeneous vegetation patches under submerged conditions**. *Advances in Water Resources*. 133, 103418.
- Choi, K., Lumley, J. (2001). **The return to isotropy of homogeneous turbulence**. *Journal of Fluid Mechanics*. 436, 59-84.
- Crowder, D.W., Diplas, P. (2002). **Vorticity and circulation: spatial metrics for evaluating flow complexity in stream habitats**. *Canadian Journal of Fisheries and Aquatic Sciences*. 59 (4), 633-645.

- Devi, T.B, Kumar, B. (2016). **Channel Hydrodynamics of Submerged, Flexible Vegetation with Seepage**. Journal of Hydraulic Engineering. 142 (11), 04016053.
- Devi, T.B., Sharma, A., Kumar, B. (2019). **Flow characteristics in a partly vegetated channel with emergent vegetation and seepage**. Ecohydrology & Hydrobiology. 19(1), 39-109.
- Goring, D.G., Nikora V.I. (2002). **Despiking acoustic doppler velocimeter data**. Journal of Hydraulic Engineering. 128:117-126.
- Kolmogorov, A. N. (1991). **The Local Structure of Turbulence in Incompressible Viscous Fluid for Very Large Reynolds Numbers**. Proceedings of the Royal Society A: Mathematical, Physical and Engineering Sciences. 434(1890), 9-13.
- Kothiyari, U.C., Hayashi, K., Hashimoto, H. (2009). **Drag coefficient of unsubmerged rigid vegetation stems in open channel flows**, Journal of Hydraulic Research. 47:6, 691-699.
- Liu, M., Wenxin Huai, W., Ji, B. (2021). **Characteristics of the flow structures through and around a submerged canopy patch**. Physics of Fluids. 33, 035144.
- Lumley, J. L. (1978). **Computational modeling of turbulent flows**. Advances in Applied Mechanics. 18, 123-176.
- Maji, S., Hanmaiahgari, P.R., Balachandar, R., Pu, J.H., Ricardo, A.M., Ferreira, R.M. (2020). **A Review on Hydrodynamics of Free Surface Flows in Emergent Vegetated Channels**. Water 2020. 12:1218.
- Nepf, H. (1999). **Drag, turbulence, and diffusion in flow through emergent vegetation**. Water Resources Research. 35 (2), 479-489.
- Nezu, I., Onitsuka, K. (2001). **Turbulent structures in partly vegetated open-channel flows with LDA and PIV measurements**. Journal of Hydraulic Research. 39:629-642.
- Perucca, E., Camporeale, C., Ridolfi, L. (2009). **Estimation of the dispersion coefficient in rivers with riparian vegetation**. Advances in Water Resources. 32 (1), 78-87.
- Pope, S. (2000). **Turbulent Flows**. Cambridge: Cambridge University Press.
- Richardson, L. F. (1922). **Weather Prediction by Numerical Process**. Cambridge: Cambridge University Press.
- Taborda, C., Fael, C., Ricardo, A., Ferreira, R. (2022). **Wave-like motion and secondary currents in arrays of emergent cylinders induced by large scale eddying motion**. Environmental Fluid Mechanics. 22, 403-428.
- Vargas-Luna, A., Crosato, A., Anders, N., Hoitink, A., Keesstra, S., Uijttewaal, W. (2018). **Morphodynamic effects of riparian vegetation growth after stream restoration**. Earth Surf. Process. Landforms. 43: 1591- 1607.
- Wahl, T.L. (2003). **Discussion of Despiking acoustic doppler velocimeter data by Derek G. Goring and Vladimir I. Nikora**. Journal of Hydraulic Engineering. 129:487-488.
- White, B., Nepf, H. (2007). **Shear instability and coherent structures in shallow flow adjacent to a porous layer**. Journal of Fluid Mechanics. 593:1-32.
- Yager, E.M., Schmeeckle, M.W. (2013). **The influence of vegetation on turbulence and bed load transport**. Journal of Geophysical Research: Earth Surface. 118, 1585-1601.

SOBRE O ORGANIZADOR

ARISTON DA SILVA MELO JÚNIOR - GRADUADO em Engenharia agrícola e civil pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; com PÓS-DOUTORADO no estudo de sinterização e obtenção de compósitos de terras raras em células à combustível pelo Centro de Ciências de Tecnologia de Materiais (CCTM) e PÓS-DOUTORADO no estudo da poluição atmosférica e a contribuição dos gases de efeito estufa (GEE) no impacto ambiental pelo Centro de Química e Meio Ambiente (CQMA) ambos realizados no Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN) da Universidade de São Paulo - USP. MESTRE em Engenharia de Recursos Hídricos - Água e Solos no estudo da relação e interferência dos parâmetros ecofisiológicos de macrófitas na depuração de esgoto doméstico na Faculdade de Engenharia Agrícola (FEAGRI) da UNICAMP. DOUTOR em Engenharia de Recursos Hídricos e Energéticos estudando a relação e presença de metais pesados dispersos na atmosfera através da coleta de material particulado PM10 e análise pelas técnicas de reflexão total por raios X e microfluorescência com uso de radiação síncrotron aplicadas às análises pela Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC) da UNICAMP. Possui mais de 45 artigos publicados com temática no uso da engenharia e tecnológicas de ponta e alternativas para estudo dos processos de tratamentos de resíduos líquidos, gasosos e sólidos. Autor de 5 livros técnicos e de 2 capítulos de livros na área de engenharia civil e sanitária. Membro da Associação de Engenheiros da SABESP (Companhia de Saneamento Básico de São Paulo) atuou como avaliador e examinador na IBFCRL para concursos públicos na área de engenharia civil e agronomia, além de participar em bancas de mestrado e de concursos na UNICAMP e no IFSP. Adepto do ensino continuado realizou mais de 102 cursos de aperfeiçoamento no ensino superior pela Universidade Federal do Ceará, pela Universidade Estadual do Maranhão e outras IES. Possui mais de 10 anos no ensino superior na Universidade Paulista (UNIP); Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU); Universidade Braz Cubas e FATEC-SP. Sendo professor nos cursos de Engenharia: Civil; Sanitária e Ambiental; Elétrica; Mecânica; além dos cursos de tecnologia de edifícios; gestão ambiental e arquitetura e urbanismo. Foi coordenador geral do curso de engenharia civil na FMU durante a gestão de 2015-2016. Tem como linha de pesquisa o estudo contínuo de novas tecnologias de tratamento de resíduos sólidos e líquidos para depuração e conservação do meio ambiente, atuando como pesquisador colaborador na USP e UNICAMP.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0010807076892082>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Avaliação ambiental 1, 2, 3, 8, 11, 12, 13

C

Contaminação 21, 22, 26, 51

D

Descarbonização 36, 37

E

Ecologia 50, 91, 94

EDAR 78, 81, 84, 86, 87, 88, 89

Engenharia 14, 21, 23, 34, 36, 50, 64, 93, 98, 108

Envolvimento dos cidadãos 15

Escassez de água 36, 53

Esgoto 21, 26, 28, 29, 52, 53, 54, 55, 59, 60, 63, 64, 91, 92, 93, 95, 98, 100, 107

Estado químico 6, 78, 79, 83

Estado y potencial ecológico 78

Experimental study 65

G

Gestão 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

M

Meio ambiente 50, 51, 52, 63, 91, 108

N

Natureza em Zonas Urbanas 36

Normas de calidad ambiental 78, 80, 81, 83, 84, 86, 89

P

Pegada Hídrica 14, 15, 16, 17, 18, 19

Planeamento 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

Poupança de Água 15, 17, 19

R

Recursos hídricos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 20, 50, 51, 91

Redutores de Caudal 14, 15, 19

Reuso 21, 30, 34, 53, 54, 63, 91, 94, 107

S

Saneamento 15, 21, 23, 35, 50, 51, 52, 58, 64, 92

T

Tejo 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 13

Tratamento 17, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 34, 35, 50, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 107, 108

Turbulent flow 65, 66, 68, 70, 73, 76, 77

V

Vegetated corridor 65, 66, 71

Vertido 78, 85, 86, 87, 88, 89